



N.º 134 — Lisboa, 25 de agosto

5.<sup>o</sup>  
ANO  
95

# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois do publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.<sup>o</sup>  
**Assignaturas (pagamento adiantado)**  
Lisboa e provincias, anno 52 num. 2\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 5\$000 rs.  
Semestre, 26 numeros..... 1\$000 \* | Africa e India Portugueza, anno. 2\$000 \*  
Cobrança pelo correio..... \$100 \* | Estrangeiro, anno 52 numeros... 3\$600 \*  
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.<sup>o</sup> de janeiro ou no 1.<sup>o</sup> de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Anuario Commercial**  
5, Calçada da Gloria, 5  
IMPRESSÃO  
A EDITORA  
L. Conde Barão, 50

## Ordem do dia



### (REILLAC)

Reillac não é um homem.  
Se fosse um homem já o teriamos conhecido.  
N'uma epocha em que os jornaes publicam o retrato de toda a gente, já se teria pelo menos publicado o seu retrato.  
Reillac é uma abstracção.  
Reillac é um symbolo.  
Reillac é o cão, é a divida atrazada, é o credor antigo, que mesmo do fundo do passado, surdamente, mas pertinazmente faz — ão, ão, ão!  
Falla-se em pagar a divida de Reillac.  
Não façam tal.  
Reillac é preciso.  
E' grato o seu ladrar.  
Reillac é o estribilho do systema liberal.



Handwritten signature or mark.

A. D'ABREU  ANTIGA CASA  
Viuva Soares & Filho

 JOALHERIA E OUIVESARIA   
SEMPRE NOVIDADES  
57, e 59, Rua do Ouro, 57 e 59 \* LISBOA

## Pasta brilhante **AMOR**

Para limpar toda a qualidade de metaes

**Briquetes marca ESPADA**

Para limpeza de vidros e espelhos

Garante-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositários em Portugal: J. B. Fernandes & C.<sup>a</sup> Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. À venda em todas as mercearias, drogarias e lojas de ferragens. — Grandes descontos aos revendedores.

**CONTRA A TOSSE**

**Xarope Peitoral James**, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Foi premiado com as medalhas de ouro, nas exposições industrial de Lisboa, e universal de Paris

Acha-se a venda em todas as principaes farmacias

DEPOSITO GERAL  
**PHARMACIA FRANCO, FILHOS**  
Conde do Restello, & C.<sup>a</sup>  
LISBOA

BELEM

**VINHO NUTRITIVO D CARNE**

Muito util na convalescença de todas as doenças, quando é preciso levantar as foças. E hoje muito usado ao *Lunch* e ao *Toast*, especialmente por todas as pessoas de constituição fraca, e que têm a peito a conservação da sua vida. Foi premiado com as medalhas de ouro nas exposições industrial de Lisboa, de hygiene de Londres e universal de Paris. Um calix d'este vinho representa um bom bife.

DEPOSITO GERAL  
**PHARMACIA FRANCO, FILHOS**  
Conde do Restello & C.<sup>a</sup>  
LISBOA

BELEM

**BOLSA OFFICIAL DE LISBOA**

CORRETOR

**VIRGILIO DA COSTA**

Escritorio

**RUA DEL-REI, 112, 114**

# Empreza Exploradora das Patentes "BOOTH,, L. da

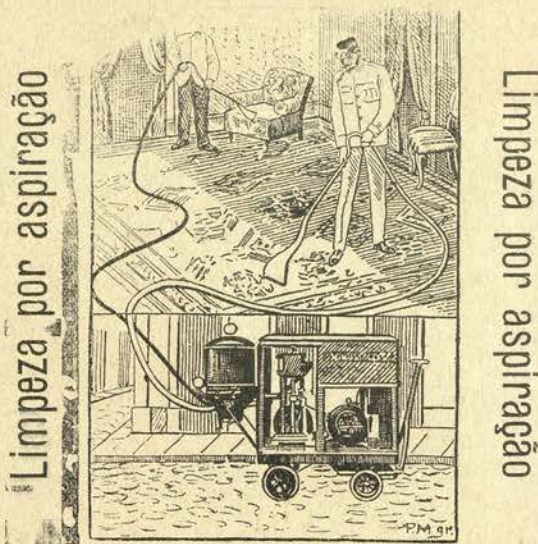
(LIMPEZA POR ASPIRAÇÃO)

## Palacio da Flôr da Murta

452-A, 1.º R. do Poço dos Negros, 452-A, 1.º

LISBOA

TELEPHONE N.º 646



Esta empreza encarrega-se da limpeza de tapetes, alcatifas, estofos, cortinas, reposteiros, carruagens, etc., etc., tanto na sua séde, para o que tem installações apropriadas, como nos domicilios.

A limpeza por aspiração apresenta inumeras e importantes vantagens:

Evita o levantamento das tapessarias e a sua remoção para locaes improprios, deixando-as ficar completamente limpas e as côres mais vivas. Substitue vantajosamente o antigo systema de bater os tapetes com chibatas que apenas levanta a poeira, para novamente a deixar cair sobre o tecido que se pretende limpar.

Evita a pernicioso dispersão dos microbios, por isso que os tubos de aspiração absorvem por completo todo o pó sem o espalhar pela atmosphera.

Esta limpeza pode-se effectuar sem haver necessidade de tirar os moveis das respectivas salas.

A limpeza por aspiração é rapida, higienica e economica





N.º 134 — LISBOA, 25 DE AGOSTO

5.  
ANO  
1915

# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras  
Toda a correspondência deve ser  
dirigida ao administrador da  
**PARODIA**

PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 28000 rs. | Brazil, anno 32 numeros... 33000 rs.  
Semestre, 26 numeros... 13000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 28000 rs.  
Cobrança pelo correio... 100 rs. | Estrangeiro, anno, 32 numeros... 35000 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data;  
tem porem de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO  
Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

"A EDITORA"

L. Conde Barão

## O BENEFICIO DO TOUREIRO



Da noiva ao noivo — uma sella de combate  
Do noivo á noiva — um bom calção  
Da sogra — uma colhida  
De uma comissão de amigos — uma quinta  
no Minho.

A 'CORBEILLE'

# TABACOS HABILITADO



Nas duas sessões de 16 e 21, da Camara dos Deputados, em que se discutiu o contracto dos tabacos, pôde observar-se que diversos senhores deputados se exprimiram assim:

O sr. Queiroz Ribeiro:

«Quem o conhece, sabe bem que elle é inteiramente incapaz de praticar uma traição. O que pode terminantemente afirmar *pela sua honra*, o que *jura*, se preciso fór, *pela felicidade dos seus filhos*, é que o sr. Espregueira conhecia perfeitamente as suas idéas sobre o contracto dos tabacos.»

Do mesmo senhor:

«Se a comissão de fazenda chegou, aliás condicionalmente, a votar na sua primeira reunião os artigos 1.º e 11.º do contracto, é porque a comissão acreditava no que o sr. presidente do conselho lhe affirmava *sob palavra*, de que se não podia fazer melhor contracto do que aquelle.»

Do mesmo senhor:

«Tudo quanto diz o poderia provar com documentos, *o garante sob a sua palavra de homem de bem.*»

O sr. João Pinto dos Santos:

«Diz que não se trata de questões pessoais, porque essas não se discutem no parlamento. Liquidam-se n'outro campo. Se o desmentissem era com agravo pessoal. Porque, *pela sua honra*, affirmava a verdade exacta do que revelou á camara.»

O sr. José Luciano:

«Affirma que o governo portuguez nada paga a Reillac, ou outros portadores d'esses titulos. Emprega a sua *palavra d'honra* como garantia do que diz.»

O emprego da palavra d'honra e bem assim os juramentos feitos sob invocações familiares, estiveram de todo o tempo em voga entre os homens — e as mulheres.

As mulheres, principalmente, fizeram sempre um exaggerado gasto d'essas razões finaes. Mas as mulheres não juram pela sua honra. A honra das mulheres não é um argumento de sociedade. As mulheres, em relações mais directas do que o homem, com o sobrenatural e o divino, juram geralmente — pela sua salvação, porque, isto é sabido, a preocupação das mulheres é salvarem-se, não na terra, onde andam um pouco aos trambulhões, mas no ceu, onde disputam sempre uma situação de favor.



Os homens, menos credulos e mais orgulhosos de si mesmos, invocam a sua honra.

Como ella deva definir-se, não sabemos, tão vária é a sua significação, segundo os individuos em quem concorre e as profissões de que faz o timbre.

A honra, no entanto, pode ter esta significação geral — *noli me tangere*, ou, *não me toques*.

A ultima razão dos homens é a sua palavra d'honra. Para passar por cima d'ella é preciso passar por cima do seu cadaver.

Os juramentos porem, não fazem já hoje, como outr'ora, fé em publico. Apenas o ritual da justiça ainda os admite. Em publico não se jura, seja pela nossa honra, seja pela felicidade dos nossos filhos, seja pela nossa salvação, porque jurar d'este modo é dar garantias pessoas que só servem de individuo para individuo. Quem dá o penhor de um juramento supõe que outro o recebe como bom. Os romanos juravam pelos seus deuses. Era uma garantia publica. Os deuses eram da communidade. Jurar pela honra é dar uma garantia privada. A honra do individuo é do individuo. Pode ser um facto, mas está longe de ser um dogma. Conhecido de alguns, pode ser ignorado de muitos. Assim, o homem, por via de regra, só empenha a sua palavra d'honra com outro homem, compreendendo e muito bem que não tem o direito de impor a toda a gente o conhecimento de um facto que só lhe pertence a elle e a poucos mais.

A palavra d'honra, se é um argumento, é um argumento domestico.

Esse argumento acaba no entanto de ser introduzido na dialectica parlamentar.

Deploravel precedente!

Graças a elle o parlamento toma por tal forma um caracter pessoal que não é já uma camara: é uma casa, com os seus incidentes privados, as suas zangas, os seus amúos, as suas reconciliações. os seus protestos, as suas juras.

Por outro lado, as dicussões no parlamento, terminam.

Estabelecido o precedente de que a palavra d'honra é a *ultima ratio* do systema parlamentar, a idéa mesma da discussão é affastada.

Discurrir é abrir successivas portas á razão. A palavra d'honra é a porta fechada.

Já os nossos debates parlamentares perdiam interesse.

Assim, vão perdello totalmente.

Até aqui esperavam-se as razões do deputado X.

Agora já se sabe o que o deputado X vae dizer: — Vae dar a sua palavra d'honra.

Mas no debate da questão dos Tabacos, o deputado sr. Queiroz Ribeiro levou mais longe ainda o direito á invocação das razões pessoais.

O sr. Queiroz Ribeiro jurou pela felicidade de seus filhos, e—dizem os jornaes—este juramento causou a mais profunda impressão na camara.

Sem duvida; mas é bem certo que entre a felicidade dos filhos do sr. Queiroz Ribeiro e a questão dos tabacos exista alguma relação, mesmo remota?



Sem ter occasião de a chancellar com a sua palavra d'honra, o sr. João Franco disse no entanto uma coisa excellente no parlamento.



O sr. João Franco disse que o parlamento não era o lugar proprio para a discussão de interesses partidarios, por isso que os partidos não tem sancção legal e função legal dentro do organismo constitucional do qual o parlamento faz parte.

O sr. João Franco disse muito bem. A Carta Constitucional da monarchia falla-nos de duas camaras, mas não nos falla de dois, ou mais partidos.

Os partidos são organizações extra-parlamentares, que ali mandam os seus delegados, mas não tem ali o seu centro.

O partido progressista parece que não tem centro, porque se installou na camara dos deputados como em sua casa.

Ha dias que o paiz assiste ao que elle imagina ser a discussão da questão dos tabacos e não é afinal senão a discussão do conflicto levantado no seio do partido progressista entre o sr. José Luciano e o sr. José d'Alpoim.

A isto chamou-se — a crise.

Certamente, isto é uma crise, mas uma crise domestica, que se pcde ser debatida n'um primeiro andar da Alta, ou da Baixa, não tem logar algum na grande sala de um edificio do Estado, construido a expensas da nação, para a discussão dos seus interesses geraes.

O debate da crise progressista, na sala do parlamento, na presença do corpo diplomatico e com as galerias a transbordar, é, a nosso ver, mais do que um escandalo politico, um escandalo constitucional. E' o maior menosprezo das formalidades, é o absoluto desdem das apparencias. E' o cumulo da sem cerimonia.

Depois do que se está passando, só nos falta ver que o sr. José Luciano mande instalar na sala algumas mezas de *bridge* — progressista.



O sr. João Franco foi, porem, exagerado, quando comparou a questão dos Tabacos á questão Dreyfus.

Que relação encontrou sua ex.<sup>a</sup> entre uma e outra?

Onde viu o despotismo das gerarchias?

Onde viu a colligação dos interesses de profissão?

Onde viu a injustiça? onde viu a crueldade? e, sobretudo, onde viu Dreyfus?

Mas nós comprehendemos. O sr. João Franco entende que a questão dos Tabacos, como a questão Dreyfus, é de natureza a — *soulever les cœurs*. *Sursum corda!* Sua ex.<sup>a</sup> mesmo affirmou que ella despertou «a sentimentalidade da nação.»

Improvisada palavra!

A questão Dreyfus foi, como dizem os medicos — uma causa traumática.

A França incubava idéas que a tyrannia dos preconceitos nacionaes mantinha no estado latente. A França estava egoista. Mas a França é generosa, e foi essa generosidade que explodiu com a questão Dreyfus.

Imagina o sr. João Franco que a questão dos Tabacos vae ser no nosso paiz a causa de uma agitação nacional?

Illusoria expectativa!

Repare simplesmente sua ex.<sup>a</sup> na palavra — *tabacos*. E' uma palavra grotesca e as palavras — não o divide sua ex.<sup>a</sup> — tem uma consideravel influencia nos destinos humanos. Sentimento e Tabacos, não faz sentido.

Depois, a questão dos Tabacos é absolutamente inintelligivel para o intellecto publico.

A questão Dreyfus era a questão de um innocente preso e nada mais claro para a intelligencia, nada que vá mais direito ao coração do que um mal que reveste formas tão patheticas.

Se na questão dos Tabacos está um mal, onde está elle?

Nós sabemos. A questão dos Tabacos é a desordem na administração, é a incontinencia dos partidos, é a dissolução de cima, é o itinerario da derrota, mas crê porventura o sr. João Franco que o espirito publico veja estes males especialmente vinculados á questão dos Tabacos?

Não sabemos se por defeito do nosso espirito, se por defeito da nossa lingua nós apresentamos as questões por uma forma que só geralmente as comprehendem os individuos que as debatem. A questão dos Tabacos, por exemplo, é uma questão que em Portugal só comprehendem



a commissão de fazenda — e o sr. Oliveira Mattos.

# REILHAC EM S. BENTO

— Nada de imposturas! Mascaras abaixo!

SR. PRESIDENTE DO CONSELHO  
Camara dos deputados.



Como quer o sr. João Franco que um facto de um dominio tão restricto possa interessar o paiz?

Alem d'isso, as sociedades só se agitam em virtude de idéas, e a sociedade portugueza não vê dentro da questão dos Tabacos senão homens, nenhum dos quaes é — Dreyfus.



A unica relação remota que existe talvez entre a questão dos Tabacos e a questão Dreyfus, é a — pasta negra.

Na questão Dreyfus houve — a Dama Negra.

A côr negra intervem em todos os mysterios.

A Dama Negra — disse-se — nunca existiu.

A pasta negra tambem é contestada.

Possue o sr. Espregueira, como o affirmou o sr. Queiroz Ribeiro — uma pasta negra?

O incidente parlamentar, conhecido já pelo incidente da *pasta negra*, tornou memoravel a sessão de 16, que os jornaes já qualificam de — historica.

Sob a arguição da pasta negra, o sr. Espregueira empertigou-se e o seu desmentido foi formal. Pasta negra nunca possuirá! Possuirá uma (e ainda a tinha) de carneira verde. Negra, nenhuma! Assim o podia declarar, bem alto, ao paiz, á camara e ao seu partido. A pasta negra que o sr. Queiroz Ribeiro lhe attribuia era uma invenção diabolica.

Mas levanta-se o sr. Queiroz Ribeiro e dá a sua palavra d'honra de que a pasta negra é um facto.

Elle viu a, palpou-a, teve-a mesmo um momento debaixo do cotovello, enquanto conversava com o sr. Espregueira. Não estava certo se era de carneira, mas que era preta, jurava-o, e que a camara lhe voltasse as costas, se assim não fosse. Nunca mentira. A pasta era negra, jurava-o pela felicidade dos seus filhos.

O sr. Espregueira ainda se levantou.



Não! Não tinha pasta alguma negra! Nunca a tivera. O negro mesmo era contrario aos seus principios. Mas as negativas do sr. Espregueira foram menos persuasivas e o paiz ficou perplexo.

A camara, porem, robustecida com os penhores pessoases do sr. Queiroz Ribeiro, acreditou na pasta negra.

O sr. Queiroz Ribeiro é — diz-se — um poeta. E dizemos — diz-se, porque nunca o lemos.

Nós lemos, com alguns arcades, alguns classicos contemporaneos que nos massaram. Sobre o *Camões de Garratt* e a *Harpa do Crente* — não temos duvida em o reconhecer — dormitamos candidamente.

Depois lemos Soares Passos, Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, o Palmeirim e — porque não dizel o tambem? — fomos n'esse tempo felizes. Ah! a felicidade vem de bem pouco, ás vezes de um guitarra bem afinada!



Mas um dia annunciou-se a *Morte de D. João*, depois as *Claridades do Sul*, depois as *Flores do Campo*,

depois as *Odes Modernas*. Retouçamos, saciamos-nos, ficamos como gi-boias e — não lemos mais. Foi o que se chama — uma empanzinadella lyrica.



Se, porem, não lemos o sr. Queiroz Ribeiro, não ignoramos que elle é um poeta, porque o poeta contemporaneo não se occulta. O antigo poeta era muitas vezes um mysterio na sombra. O poeta d'hoje é de uma evidencia estridente, porque enquanto o antigo poeta era apenas — o Poeta, o poeta d'hoje é ministro, é deputado, é jornalista, é homem do mundo, é valista, e eis justamente o que surprehende as surperstições tocantes que ligamos á idéa de Poesia.

O sr. Queiroz Ribeiro, por exemplo, é um poeta.



Como pode elle ser ao mesmo tempo deputado da maioria, membro da commissão de fazenda e porventura ministro?

Estes destinos sociaes e estas occupações implicam interesses que não são os da Poesia e uma structura intellectual e moral que não é a dos poetas.

A Poesia é o quer que seja de inegociavel, que não entra em conflictos lucrativos, que não ambiciona, que não espera.

Os poetas, por sua vez, são naturas inadaptaveis ás condições do meio social. O ambiente é egoista. Elles são generosos. O ambiente é mesquinho. Elles são prodigos. O ambiente é cauteloso. Elles são imprudentes. O ambiente é astuto. Elles são bravos.

Como pôde o sr. Queiroz Ribeiro ser ao mesmo tempo egoista e generoso, mesquinho e prodigo, cauteloso e imprudente, astuto e bravo?

Quando é que elle está na Torre de Marfim?

Quando é que está na commissão de fazenda?

Nós confessamos que a idéa de um poeta assanhadamente envolvido na pugna dos Tabacos, nos perturba até ás profundidades de nós mesmos.



Entretanto, convenhamos que não ha coimo a carreira parlamentar para tornar sonoras as personalidades.

N'este ponto de vista só conhecemos outra que se lhe compare: a carreira do theatro.

O politico, como o actor, gosam das mesmas vantagens de facil notoriedade.

O jornal é, como se sabe, o unico, grande instrumento moderno de expansão. Pôde o genio florescer. Enquanto elle não fôr inculcado pelo jornal, elle perece ignorado.

O politico, como o actor, tem o jornal.

Mas o jornal faz o bloqueio das personalidades. O bloqueio d'estas duas personalidades — o politico, o actor, não o pôde fazer. Inevitavelmente, sempre que entre em scena o actor, embora com um copo d'agua, sempre que entre em scena o politico, embora com um appoiado, o jornal deverá imprimir o seu nome, espalhar o seu nome, tornar o seu nome obscuro, serão significativo, estridente e sonoro.

Mas o homem politico gosa de outras vantagens.

Quantas vezes o genio ignorado não encontra simplesmente quem o queira imprimir? O manuscrito dos *Caracteres* de Labryère andou muito tempo nas algebras do seu auctor, antes de entrar na publicidade que havia de o tornar immortal.

O homem politico, esse, tem sempre quem o imprima.

Para isso basta-lhe fallar. Logo dez, vinte, cem publicistas nervosos, aguçando o ouvido, recolherão preciosamente as suas palavras, receiosos de que alguma se perca e falte ao jornal que hade imprimil-as, com avidez — e de graça.

O leitor já reparou alguma vez na tribuna da imprensa, na camara dos deputados?

Estão ali debruçados sobre a sala uns dez homens pallidos, despenteados, afflictivos, que tomam notas a lapis em folhas de papel. Esses homens são — o Jornal.

Ergue-se em baixo — quem?

O sr. deputado Oliveira Mattos.

O sr. deputado Oliveira Mattos, é sem duvida, um ornamento da camara. Ali tem assento ha muitos annos e ali intervem com facundia em grande numero de discussões.

Mas o sr. deputado Oliveira Mattos não é uma natureza litteraria, philosophica ou artistica, e assim é permitido acreditar que lhe fosse até certo ponto penoso fazer se imprimir como homem de letras, como philosopho, ou como artista.

Que o sr. Oliveira Mattos, porém, peça a palavra e, immediatamente, na tribuna da imprensa haverá agitação, cotovelladas, anciedade, susto, e os dez homens que a occupam, de lapis em punho, febrilmente, irão, reproduzindo, trasladando, copiando a palavra do sr. Oliveira Mattos.

O sr. Oliveira Mattos é fluente.

Ai d'aquelle que não o acompanhar na sua rapida carreira! A palavra do sr. Oliveira Mattos correrá o risco de ser truncada, interceptada, confundida, baralhada. Assim, o semblante d'esses dez homens exprimem o sentimento da mais angustiosa sensibilidade.

O sr. Oliveira Mattos concluiu, n'um sussurro de vozes da maioria? Na tribuna ouve-se um tropel. O que é? São os dez jornalistas que, enfiando no bolso o discurso do sr. Oliveira Mattos, correm veiozes ao jornal a corrigir, a rever o discurso do sr. Oliveira Mattos que, no dia seguinte, dez jornaes publicarão com espalhafato, que o telegrapho transmittirá á imprensa da provincia, que será lido por milhares e milhares de pessoas, que repetirão o nome do sr. Oliveira Mattos e que assim terá n'uma hora rapida, uma publicidade estrondosa como raramente é concedida aos mais bellos fructos do pensamento.

Mas o sr. Oliveira Mattos é já um homem notorio. Quem não conhece pelo menos de nome o sr. Oliveira Mattos?

Que, porem, se levante o mais obscuro, o mais apagado, o mais dissimulado, o mais timido deputado da maior.a e que simplesmente peça para se proceder á contagem do srs. deputados presentes e, desde logo, ao seu nome está garantida a publicidade, a notoriedade, a fama.

Quantos esforços não são precisos para tornar conhecido um nome! Quanto ingenho, quanta tenacidade, quanta coragem! A notoriedade vem muitas vezes no fim de uma carreira. Na carreira parlamentar — feliz carreira! — vem no principio. Ainda a actividade do homem politico não começou e já o seu nome anda em todas as boccas. Ainda não é nada e já é tudo.

JOÃO RIMANSO.





# AS NEGOCIAÇÕES DA PAZ



Witte (Russia)

A ULTIMA PARTIDA

Komura (Japão) Gustavo Bordallo Lima

# AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscutivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos Indicados pela Ciencia.

As garrafas e as ro-lhas usadas no en-garrafamento da Agua de Meza

## Sameiro

São sempre esterilizadas

É já conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes estrangeiros e nas colonias portu-guezas.

Está á venda: em todos os estabelecimentos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de 1/2 litro..... 80 rs.  
" " " 1/4 litro..... 50 rs.

Deposito geral no Porto:

**C. Coverley & C.<sup>a</sup>**  
**Reboleira, 55, 1.<sup>o</sup>**

Endereço telegraphico—COVERLEY  
Telephone n.º 18

Em Lisboa:

Manoel José da Silva

RUA D'EL-REI, 31, 2.<sup>o</sup>

Telephone n.º 512

Endereço telegraphico—MISSILVA

## OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa  
de fabrico  
e concertos

**FLORINDO**  
Jolas  
com brilhantes  
Preços limitadissimos

99, Rua Aurea, 99

## CONTRA A DEBILIDADE

**Farinha Peitoral Ferruginosa**  
da pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellento alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente autorizada e privilegiada. Mais de 300 attestados dos primeiros medicos garantem a sua efficacia.

Conde do Restello & C.<sup>a</sup>

• LISBOA—BELEM



## EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DA COSTA OCCIDENTAL E ORIENTAL D'AFRICA  
ITINERARIO

Lisboa..... Part.	1	7	22	Moçambique -Part.	9	—	—
Madeira.....	—	9	—	Beira.....	11/12	—	—
S. Vicente.....	—	13	—	Lourenço Marques.	14/16	—	—
S. Thiago.....	—	14/15	28/29	Mossamedes.....	—	8	24
Principe.....	—	23/24	7	Benguella.....	—	9/10	25/26
S. Thomé.....	13/14	25/27	8/10	Novo Redondo.....	—	11	27
Landana.....	—	29	—	Loanda.....	26/27	12/13	28/29
Cabinda.....	—	30	12	Ambriz.....	—	14	30
St.º Ant.º do Zaire.	—	—	13	Ambrizette.....	—	15	1
Ambrizette.....	—	—	14	St.º Ant.º do Zaire.	—	—	2
Ambriz.....	—	1	15	Cabinda.....	—	16	3
Loanda.....	17/18	2/3	16/17	Landana.....	—	17	—
Novo Redondo.....	—	4	18	S. Thomé.....	30/1	19/21	5/7
Benguella.....	—	6	20	Principe.....	—	22	8
Mossamedes.....	—	7/8	21/22	S. Thiago.....	—	30	17
Bahia dos Tigres..	—	—	23	S. Vicente.....	—	—	18
Porto Alexandre..	—	—	23	Madeira.....	—	—	22
Lourenço Marques.	28/2	—	—	Lisboa..... Cheg.	13	6	24
Beira.....	4/5	—	—				
Moçambique -Cheg.	7	—	—				

**VAPORES: Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Ben-guella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bissau — Bolama — Zambezia — Principe — Mindello — Guiné e Lusitania.**

[Para carga, passageiros e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: No PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.<sup>a</sup>, rua do Infante D. Henrique.

Séde da Empresa: **RUA D'EL-REI, 85 — LISBOA**

## Compagnie des Messageries Maritimes

PAQUEBOTS POSTE FRANÇAIS  
LINHA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro,  
Santos, Montevideu e Buenos-Ayres **SAIRÃO** os  
paquetes

ATLANTIQUE, commandante Le Troadec, que se espera de Bor-deaux em 4 de setembro.

CHILI, commandante Oliver, que se espera de Bordeaux em 18 de setembro.

O paquete CHILI não fará escala por Pernambuco e Bahia.

O paquete ATLANTIQUE não fará escala por Santos.

em direitura, sairão os paquetes: AMAZONE,  
Para Bordeaux, commandante Lidin, que se espera do Brazil em 7 de setembro. MAGELLAN, commandante Dupuy Fromy, que se espera do Brazil em 20 de setembro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer in-formações, trata-se na agencia da companhia, rua Aurea, 32.

Para passagens de 3.<sup>a</sup> classe trata-se tambem com os srs. Grey Antunes & C.<sup>a</sup>, Praça dos Remolares, 4, 1.<sup>o</sup> — Os agentes, Sociedade Torlades, rua Aurea, 32.

